

Um dos fortes motivos pelos quais devemos usar o discernimento e agir da forma aconselhada pelo Mestre aparece no Livro II, parágrafo XIX, de “Os Analectos”. A passagem nos leva ao que se poderia chamar de Teosofia das relações sociológicas:

“O Duque Ai perguntou dizendo: ‘O que devo fazer para assegurar o contentamento do povo?’ E Confúcio respondeu: ‘Se você promover os que são corretos e afastar os que agem mal, o povo estará contente; mas se você promover os que agem mal e afastar os que são corretos, o povo ficará descontente.’” [3]

Poucos parágrafos mais adiante, os Analectos acrescentam:

“Ver o que é correto e não fazê-lo é covardia.” [4]

E, no Livro IV, podemos ler esta reflexão:

“O homem de caráter pensa em seu caráter, o homem inferior em sua posição social. O homem honrado deseja justiça, o homem inferior deseja ser favorecido.” [5]

Esses princípios básicos de Teosofia são, sem dúvida, válidos para todos os aspectos da vida e não apenas para a administração pública.

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, compiladas e editadas por C. Jinarajadasa, Ed. Teosófica, Brasília, 1996, p. 108.

[2] “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, dois volumes, ver Carta 120, volume II, p. 260.

[3] “The Analects”, Confucius, Dover-Thrift Editions, Dover Publications, N. York, 1995, 128 pp.

[4] “The Analects”, Dover Publications, ver Livro II, parágrafo XXIV, p. 9.

[5] “The Analects”, Dover Publications, Livro IV, parágrafo XI, p. 18.

00000000000000

Perguntas e Comentários:

Como Foi Possível Que o Afastamento Entre os Mahatmas e Adyar Começasse em Vida de H. P. B.?

A seguir, abordamos algumas dúvidas formuladas por estudantes de Teosofia que vêm acompanhando o nosso trabalho. Agradecemos pelas perguntas, e convidamos a todos a mandar seus comentários e questionamentos para o e-mail lutbr@yahoo.com.br.

Pergunta:

Estão sendo levantados, em “O Teosofista” e no website www.filosofiaesoterica.com, dados da História do movimento teosófico que comprovam uma situação desagradável. Ocorre que já nos anos 1884-86 o trabalho de H. P. Blavatsky e dos Mestres, quando atacado pelos missionários cristãos manipulados pelo Vaticano, perdeu apoio dentro do próprio movimento. Por isso H.P.B. teve que abandonar a Índia e recomeçar seu trabalho praticamente de zero, a partir da Europa. Isso significa que o afastamento da proposta original de trabalho por parte da ST de Adyar, que culminaria alguns anos após a morte de HPB, já havia começando durante a vida dela. Perguntamos: como é possível que isso tenha acontecido, sem que os Mestres fizessem coisa alguma para impedi-lo?

Comentário:

A pergunta pressupõe a idéia de que os Mestres tenham o hábito de desrespeitar o livre-arbítrio dos seus discípulos (ou dos que imaginam que são seus discípulos), para impor a eles sua própria vontade autoritária. Essa suposição é errada. Por outro lado, a mesma pergunta pode pressupor, também, que os discípulos são capazes de “unir sua vontade à vontade do Mestre”, e assim “fazer só aquilo que o Mestre deseja”. Essa suposição é igualmente falsa.

As duas idéias acima só podem ser aceitas por quem estiver pensando nos falsos mestres inventados pela imaginação de Charles Leadbeater e Annie Besant. Os verdadeiros rajaiogues que inspiraram a criação do movimento teosófico respeitam a autonomia de cada aprendiz ou discípulo. O processo do real discipulado consiste, precisamente, em que o aprendiz assume plena responsabilidade sobre sua vida, e deixa de obedecer cegamente a pessoas ou circunstâncias. Essa é a profunda e fundamental DIFERENÇA PEDAGÓGICA entre a Sociedade de Adyar e os setores do movimento (certamente menos numerosos) que compreendem e seguem a proposta de trabalho dos Mestres e de HPB.

A filosofia esotérica alerta para o fato de que “o Mestre ajuda a quem se ajuda”. É verdade que “quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece”. Em compensação, quando o discípulo perde o foco, o Mestre DESAPARECE. O Mestre é, fundamentalmente, o eu superior, a voz da consciência búdica do próprio discípulo. Quem é levado por ilusões faz com que essa voz emudeça.

Vejamos agora a questão mais específica de como ocorreu o afastamento, nos anos 1884-1886, entre os Mestres e a ala do movimento que era dirigida por Henry Olcott desde Adyar.

Há uma carta de um Mahatma, publicada pela própria ST de Adyar, que elucida essa questão de modo muito claro. Referindo-se a Olcott, presidente da Sociedade, e à incapacidade dele de compreender e apoiar as ações de H.P.B. e dos Mestres, um dos Mahatmas escreveu:

“... A Sociedade libertou-se do nosso controle e influência e a deixamos ir – não fazemos escravos à força. Ele disse que a salvou? Ele salvou seu corpo, mas permitiu, por puro medo, que sua alma escapasse, e ela agora é um cadáver sem alma, uma máquina que ainda funciona bastante bem, mas que se despedaçará quando ele se for. Dos três objetivos, apenas o segundo é atendido, mas ela não é mais uma fraternidade, nem um corpo sobre o qual paire o Espírito de além da Cordilheira.” [1]

C. Jinarajadasa, um dos grandes líderes da S.T. de Adyar durante o século 20, confirma que no trecho acima o Mestre se referia a Henry Olcott, ao usar a palavra “ele”. [2]

A partir de 1886, H.P.B. conseguiu reerguer o trabalho de acordo com a proposta original, e o fez desde Londres, com o forte apoio de William Q. Judge nos Estados Unidos. Isso ocorreu apesar de uma certa oposição por parte de Olcott, que estava estabelecido em Adyar. Alguns anos depois da morte de H.P.B., em meados da década de 1890, William Judge e a seção norte-americana do movimento foram forçados a afastar-se da ST de Adyar, como vimos em edição anterior de “O Teosofista” (número 01, junho de 2007, p. 02). Foi graças a Judge que surgiram a Sociedade Teosófica de Pasadena (hoje existente em dez países) e mais tarde a Loja Unida de Teosofistas (que existe atualmente em cerca de 13 países). Ambas preservaram o ensinamento original.

A próxima questão recebida de um leitor diz respeito ao testemunho de H.P.B. sobre os acontecimentos de 1884-1886.

Pergunta:

O que é que H. P. Blavatsky afirma em seu artigo “Por Que Não Volto à Índia”?

Comentário:

Este texto, de grande importância, estará publicado na íntegra no site www.filosofiaesoterica.com a partir de 12 de agosto, aniversário do nascimento de HPB. Trata-se de uma Carta Aberta aos teosofistas da Índia, que, por algum motivo, foi ocultada pelas “autoridades” de Adyar durante várias décadas, e apareceu publicamente apenas em 1922. O documento “censurado” foi escrito em 1890, cinco anos depois de H.P.B. sair da Índia.

Nele, H.P.B. afirma:

“Na Europa e na América, durante os últimos três anos, encontrei centenas de homens e mulheres que têm a coragem de declarar sua convicção em relação à existência real dos Mestres e que estão trabalhando pela Teosofia conforme as *Suas* linhas de ação e sob *Sua* orientação, dados através da minha humilde pessoa.”

HPB prossegue:

“Na Índia, por outro lado, desde minha partida, o verdadeiro espírito de devoção aos Mestres e a coragem de expressá-lo com franqueza tem diminuído constantemente. Mesmo em Adyar, crescente luta e conflito campearam entre personalidades; uma animosidade sem motivo e não merecida – quase ódio – foi expressada contra mim por alguns membros da equipe. Parece que tem acontecido alguma coisa estranha e sinistra em Adyar durante esses últimos anos. Tão logo um europeu, com as melhores inclinações teosóficas, muito devotado à Causa e amigo pessoal meu ou do Presidente, coloca os seus pés na Sede Geral, ele se torna um inimigo pessoal de um ou outro de nós e, o que o é pior, termina por prejudicar e abandonar a Causa.”

E acrescenta:

“Que fique claro, desde logo, que não acuso ninguém. Sabendo o que sei sobre a atividade das forças do Kali Yuga, em ação para obstaculizar e arruinar o Movimento Teosófico, não

considero aqueles que se tornaram um após o outro meus inimigos – e isso sem qualquer falha da minha parte – como eu poderia considerá-los se a situação fosse diferente.” [3]

Como se pode ver, o mero ocultamento desta Carta Aberta dirigida aos teosofistas indianos já é suficiente para mostrar a distância que havia, mesmo durante a vida de HPB, entre o trabalho dela e o que estava acontecendo, sob a *aparente* direção de Olcott, em Adyar. Não distribuir essa carta aberta da fundadora do movimento foi, no mínimo, um ato de boicote e desrespeito.

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, compiladas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, 296 pp., ver Carta 47 da primeira série, p. 108.

[2] Veja comentários de C. Jinarajadasa em “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, metade superior da página 203.

[3] “Why I Do Not Return to India”, H.P. Blavatsky. Documento publicado inicialmente em *The Theosophist*, Adyar, Janeiro de 1922. Atualmente incluído em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, edição em três volumes; ver volume I, especialmente pp. 106 e 107 para os trechos citados acima. O texto também pode ser encontrado em “Collected Writings of H. P. Blavatsky”, TPH, Adyar, volume XII, onde os trechos citados acima estão na p. 158.

Uma Questão Significativa: Que Garantias de Autenticidade a LUT nos Oferece?

Aparentemente, algumas pessoas começam a antever a possibilidade de que no futuro a LUT venha a ser uma alternativa prática para teosofistas brasileiros que estejam interessados na proposta de trabalho dos Mestres. Este início de uma possibilidade tem provocado inquietações legítimas. Um correspondente, teosofista há muitos anos, expressou sua vontade de saber algo básico: até que ponto a Loja Unida de Teosofistas é confiável? O questionamento merece um exame sereno.

Pergunta:

Como saber se a Loja Unida de Teosofistas não está, ela própria, incorrendo no mesmo erro que a S.T. de Adyar, ou em erros semelhantes?

Comentário:

Esta pergunta – que levanta o tema de como obter “garantias” e “certezas” – é sem dúvida fundamental.

Em primeiro lugar, porém, é preciso dizer que não haveria absolutamente nada de questionável no fato de a ST de Adyar afastar-se do ensinamento original dos Mestres e de H.P.B., se isso fosse feito de modo claro e transparente. Afinal, a autonomia de cada buscador da verdade, e de cada grupo de buscadores, é intocável. Como disse o Mahatma na Carta citada mais acima:

“... a Sociedade libertou-se do nosso controle e influência e a deixamos ir – não fazemos escravos à força”.

Ninguém poderia criticar tal afastamento, se as pessoas honestamente deixassem de apresentar-se como “representantes dos Mestres”, ou se, pelo menos, se afastassem do chamado movimento teosófico. É o caso de Alice Bailey, por exemplo. O erro ético – consciente ou inconsciente – esteve, e está, em manter uma aparência de adesão aos ensinamentos dos Mestres, dentro do movimento que eles criaram, e contradizer, profunda mas disfarçadamente, o ensinamento e a pedagogia deles. A pedagogia da filosofia esotérica é baseada na autonomia do aprendiz.

O erro fica mais grave quando se usa os nomes dos Mestres e de H.P.B. para criar um sistema “papal” de obediência cega, com base em rituais diversos e inúmeros episódios de falsa clarividência, usados, entre outras coisas, para criar uma “igreja católica teosófica”. A imitação do Vaticano por parte de Adyar foi especificamente denunciada, por antecipação, na última carta recebida de um Mahatma, a Carta de 1900. Esta última advertência dos Mestres foi ignorada pelos dirigentes de Adyar, que nos anos seguintes cometeram exatamente aqueles erros contra os quais a carta adverte.

O texto integral da “polêmica” carta de 1900 – até hoje nunca divulgado por Adyar – ainda é pouco conhecido em língua portuguesa. Ele foi publicado pela primeira vez no final dos anos 1980, por um teosofista independente que obteve o que faltava do texto durante uma visita aos arquivos de Adyar.

C. Jinarajadasa, quando era responsável pelos arquivos esotéricos de Adyar, não inutilizou o original da carta, mas apenas cobriu as passagens mais importantes do texto. Ao examinar as Cartas que estão em Adyar, o pesquisador independente colocou a Carta de 1900 em certa posição diante da luz e pôde ler o conteúdo completo, sem estragar o original e sem cometer um ato de desrespeito em relação aos arquivos. Embora censurada durante mais de 80 anos, a carta podia agora vir a público, o que aconteceu em 1987. Naturalmente, a S.T. de Adyar não desmentiu a validade do texto completo publicado, e nem poderia fazê-lo. Estamos reproduzindo esta Carta na íntegra nesta edição de “O Teosofista”, e também a colocaremos como texto individual, na seção “Movimento Teosófico” de www.filosofiaesoterica.com.

Vejamos agora o tema mais específico da pergunta acima, sobre como saber se a LUT não repete os erros de Adyar. A grande diferença ética e pedagógica entre a Sociedade de Adyar e a Loja Unida de Teosofistas está no fato de que a S.T., erradamente, pretende dar “garantias”, enquanto que a L.U.T., coerente com o ensinamento de H.P.B., recomenda:

“Examine por si mesmo”.

A L.U.T. não é uma corporação. Ela não usa números de associados, poder material ou dinheiro para provar sua legitimidade. Ela não tem dirigentes formais. A LUT é uma rede informal de estudantes individuais e de grupos de estudantes, existente em vários países. A LUT não cobra taxas nem mensalidades, nem promete iniciações ritualísticas. Ela não oferece diplomas, certificados ou garantias. Ela prioriza o espírito do movimento e não o seu corpo. O que une os associados da LUT é a similaridade de metas, de métodos, e o ensinamento. A sua Declaração de 1909 serve como marco da sua proposta de trabalho.

Um bom modo de verificar a coerência ou não da L.U.T., em relação ao que ela proclama, consiste em examinar os textos, livros e revistas que os seus associados publicam, para ver se a filosofia que eles divulgam é autêntica e original. A LUT não reza missas, não promove rituais e não faz batizados, ou seja, não está interessada em fazer imitações das igrejas cristãs já existentes. A LUT nunca teve nem possui “líderes clarividentes”, e jamais anunciou a “segunda vinda de Cristo à terra”. Ela não busca novidades espetaculares, não manipula fogos de artifício “espirituais”, não se coloca como intermediária entre os Mestres e os estudantes, e não pretende sugerir que os seus associados são infalíveis. O seu método de trabalho segue a pedagogia encontrada nos escritos de H.P.B. e de William Judge, que é coerente com a pedagogia presente nas Cartas dos Mahatmas – e, nos princípios gerais, coerente também com a pedagogia do educador brasileiro Paulo Freire. Segundo a LUT, cabe a cada estudante investigar por si mesmo o Caminho, unido, é claro, por laços de cooperação com outros estudantes.

00000000000000000000000000000000

A Carta de 1900 a A. Besant, na Íntegra

1. Introdução

Em 22 de agosto de 1900, o sr. B.W. Mantri escreveu de Bombaim (hoje “Mumbai”) uma breve carta a Annie Besant expressando sua dificuldade em compreender o que estava acontecendo com a Sociedade Teosófica (Adyar). A carta dizia o seguinte:

Prezada Senhora --- Há muito tempo desejava ver-lhe, mas de algum modo estava tão confuso, devido a tantas coisas que ouvi de vários membros da Sociedade, que, na verdade, não compreendi quais são os verdadeiros princípios e crenças da Sociedade. Que forma de *Yoga* a senhora recomenda? Há muito tempo estou interessado nos estudos de *Yoga* e enviei-lhe o *Panch Ratna Gita*, de Anandebai, muito avançada nesta ciência. Gostaria que a conhecesse. Estou indo para Kholapoor, mas espero voltar em breve e saudá-la pessoalmente quando a senhora regressar à Índia. Respeitosamente, B.W. Mantri.”

C. Jinarajadasa, o editor de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, explica: “Quando a dra. Besant abriu a carta do sr. Mantri, encontrou o comentário do Mestre em letra azul”.

Ao editar as Cartas dos Mestres, Jinarajadasa incluiu esta carta – publicada como Carta 46 da primeira série – porém a censurou e deixou de fora do texto as suas partes mais incisivas. Além disso, é claro, os dirigentes de Adyar ignoraram completamente as advertências presentes nessa carta. A íntegra do documento só foi publicada pela primeira vez no número de setembro de 1987 na revista “The Eclectic Theosophist”, dirigida por Emmet Small, um notável teosofista e editor norte-americano ligado à Sociedade Teosófica de Point Loma (atualmente, Pasadena).

Para compreender o conteúdo da carta deve-se lembrar que, quando ela foi recebida, havia insistentes boatos, estimulados por A. Besant, de que Helena Blavatsky (chamada pelo Mestre de “Upasika”) já havia renascido e seria a pequena filha do sr. G. N. Chakravarti. O sr. Chakravarti havia-se transformado em uma espécie de guru de Annie Besant, e um dos

objetivos desta carta foi pôr um fim nos rumores sobre a falsa “volta de HPB”. Nisso, a carta teve sucesso. Além disso, mesmo sendo ignorada por Adyar, a carta de 1900 se transformaria em um testemunho e um documento histórico úteis para o futuro.

Reproduzimos a seguir a Carta do Mestre, incluindo em negrito, e sublinhando, as passagens censuradas pelos dirigentes de Adyar. A Carta começa referindo-se ao sr. Mantri.

2. O Texto do Documento, Completo e Sem Cortes

[Para Annie Besant.]

Um sensitivo e praticante de *pranayama* que se deixou confundir pelas fantasias dos membros. A S.T. e seus membros estão lentamente fabricando um credo. Diz um provérbio tibetano, “credulidade gera credulidade e termina em hipocrisia”. Muito poucos são aqueles que podem saber qualquer coisa a nosso respeito. Deveríamos ser venerados e idolatrados? **A adoração de uma nova Trindade, constituída pelo abençoado M., por Upasika e por você mesma, irá substituir as crenças denunciadas? Nós não pedimos que haja uma adoração de nós mesmos. O discípulo não deve ser acorrentado de modo algum. Tenha cuidado para evitar um Papado Teosófico.** O intenso desejo de alguns de ver *Upasika* reencarnada imediatamente criou uma ideiação *Mayávica* deturpadora. *Upasika* tem trabalho útil a fazer nos planos superiores e não pode retornar tão breve. A S.T. deve ser conduzida com segurança ao novo século. **Você tem estado há algum tempo sob influências ilusórias. Evite o orgulho, a vaidade e a busca de poder. Não seja levada pelas emoções, mas aprenda a manter-se de pé sozinha. Seja correta e crítica, ao invés de crédula. Os erros do passado nas velhas religiões não devem ser encobertos com explicações imaginárias. A E.E.T. deve ser reformada de modo que seja tão não-sectária e livre de credos quanto a S.T. As regras devem ser poucas e simples e aceitáveis para todos.** Ninguém tem o direito de reivindicar autoridade sobre um estudante ou sobre sua consciência. Não lhe pergunte em quê ele acredita. **Todos os que são sinceros e de mente pura devem ser admitidos.** A crista da onda do progresso intelectual deve ser influenciada e guiada para a Espiritualidade. Não se pode forçá-la a adotar crenças e adoração emocional. A essência dos pensamentos mais elevados dos membros em seu conjunto deve guiar toda a ação na S.T. **e na E.E.** Nunca tentamos submeter a nós próprios a vontade de outros. Em períodos favoráveis, liberamos influências elevadoras que impressionam várias pessoas de diferentes maneiras. É o aspecto coletivo de muitos destes pensamentos que pode dar o rumo correto à ação. Não temos favoritismos. A melhor maneira de corrigir o erro é um exame honesto e com a mente aberta de todos os fatos, subjetivos e objetivos. **O segredo enganoso tem dado o golpe mortal em numerosas organizações.** O falatório acerca dos “Mestres” deve ser silenciosa mas firmemente eliminado. Que a devoção e o serviço sejam somente por aquele Supremo Espírito do qual cada um é uma parte. Nós trabalhamos anônima e silenciosamente, e a contínua referência a nós mesmos e a repetição dos nossos nomes gera uma aura confusa que atrapalha o nosso trabalho. **Você terá que deixar de lado boa parte das suas emoções e da sua credulidade, antes de tornar-se uma líder segura em meio às influências que irão começar a operar no novo ciclo.** A S.T. foi concebida para ser a pedra angular das futuras religiões da humanidade. Para realizar este objetivo, aqueles que a lideram devem deixar de lado suas frágeis predileções pelas formas e cerimônias de qualquer credo particular, e demonstrar que são verdadeiros teosofistas, tanto no pensamento interno quanto no comportamento externo. A maior das suas provações ainda está por vir. Nós estamos zelando por você, mas você deve usar toda sua força. (Segue-se a assinatura do Mestre.)

000

Os Diferentes Significados da Carta de 1900

Em uma próxima edição, discutiremos o significado das principais passagens deste documento. Porém, desde já, vale a pena destacar algumas frases que, estando nessa última carta, parecem dar indicações significativas sobre como o movimento teosófico poderia reencontrar o bom senso e receber inspiração no futuro, inclusive no século 21:

“Em períodos favoráveis, liberamos influências elevadoras que impressionam várias pessoas de diferentes maneiras. É o aspecto coletivo de muitos destes pensamentos que pode dar o rumo correto à ação. Não temos favoritismos. A melhor maneira de corrigir o erro é um exame honesto e com a mente aberta de todos os fatos, subjetivos e objetivos.”

000

A Loja Unida de Teósofos, LUT – em Portugal

Recebemos de associados da Loja Unida de Teósofos, em Portugal, diversos livretos publicados pelo grupo de estudos da LUT naquele país. Estamos autorizados a colocar alguns textos da LUT portuguesa no website www.filosofiaesoterica.com, e isso será feito em breve. Entre eles constam dois artigos de William Q. Judge: “Os Adeptos na América em 1776”, e “Um Epítome de Teosofia”. Aos nossos amigos teosofistas/teósofos do outro lado do Atlântico – hoje presentes nas cidades de Lisboa e Évora – nosso muito obrigado.

000

O Teosofista - Notas e Informações Sobre o Movimento Esotérico.

Número 03, agosto de 2007. Contato: lutbr@yahoo.com.br . Visite www.filosofiaesoterica.com .

000